xv abralic
experiências literárias textualidades contemporâneas

AQUILINO RIBEIRO:
A GESTA BÁRBARA E FORTE DE UM PORTUGAL QUE MORREU

André Carneiro Ramos (UFRRJ)

Resumo: Trataremos do escritor Aquilino Ribeiro (1885-1963), com foco especial em *O Malhadinhas* (1922), exemplo literário no qual se evidencia a gesta bárbara e forte de um Portugal que, no alvorecer do Modernismo lusitano, já não se manifestava mais tão fortemente. E como se verá também, deflagra-se na referida obra uma valorização incomum da Língua Portuguesa, isso a partir de um processo de resgate/manutenção vocabular da Beira Alta, item apropriado aos temas que o autor desenvolveu fazendo uso de regionalismos, arcaísmos e gírias locais. O resgate do falar dessa região, aplicado em seus romances, convida-nos a caminhar na direção de um abismo de formas, sons, temperaturas e dialetos; em decorrência, inexplicavelmente o leitor se veria imerso em uma identificação com tal temática, algo que o auxiliaria na superação da dificuldade do primeiro contato com o rústico linguajar mencionado. Como dois dos resultados dessa experiência leitora, acreditamos, inclusive, que os elementos aqui levantados evidenciarão, no estrato literário/social das recriações aquilinianas, uma possível apreciação crítica do gênero épico, bem como a relativa desconstrução da figura do pícaro nesta sua novela. Para tanto, destacaremos como fontes teóricas David Mourão-Ferreira, António José Saraiva, Óscar Lopes, Eduardo Lourenço, João Palma-Ferreira, José Enrique Ruiz-Domènec e Mário Gonzáles.
Palavras-chave: Literatura Portuguesa. Modernismo em Portugal. Aquilino Ribeiro.

Introdução

> Todo o romance é um romance de "idéias". Somente essas "idéias" enfrentam-nos como tais na medida em que são particularmente nítidas, em que podemos facilmente descolá-las das obras. Toda uma filosofia está presente num livro de Eça de Queirós; e é possível destacar uma idéia, uma doutrina, uma "filosofia de vida" em qualquer obra de ficção, em qualquer poesia, desde um Pessoa ao Trovadorismo, desde um Aquilino ao Amadis de Gaula.
>
> Vergílio Ferreira. *O espaço do invisível - I*

Aquilino Ribeiro (1885-1963) foi um importante escritor português da primeira metade do século XX, considerado por muitos uma espécie de "obreiro das letras lusitanas". Sua vasta produção vai do romance ao conto, da novela aos estudos etnográficos e históricos, perpassando também a biografia, a literatura infantil e o

jornalismo. Ocupa, portanto, um lugar de destaque na literatura portuguesa, com mais de sessenta publicações, em que o mais destacado elemento ao nível estilístico é a tendência para o emprego de um vasto leque de vocábulos regionais.

Nascido em Carregal de Tabosa (atual distrito de Viseu), região pertencente à Beira Alta das comarcas do Paiva, fronteira de Trás-os-Montes, lugar ameno e fácil dos vales atlânticos, bem como do Portugal Montesino e duro dos chamados "contrafortes continentais", no decorrer de sua vasta produção literária, ao mesclar a tradição lusitana com uma espécie de Naturalismo (MOURÃO-FERREIRA *apud* FERREIRA, 1977), percebe-se o desenvolvimento de todo um painel sobre um Portugal antigo e emoldurado justamente por essa bucólica paisagem.

Na literatura, esse tipo de cenário se fez presente em determinadas épocas como o símbolo de uma amenidade por vezes necessária. Nesse caso, a escrita de Aquilino Ribeiro se realiza também na relação de seus personagens com a geografia, confirmando-lhes a ingenuidade. O resgate do falar da Beira Alta, aplicado em seus romances, convida-nos, então, a caminhar na direção de um abismo de formas, sons, temperaturas e dialetos; logo, o leitor se sente imerso, gerando com isso uma identificação que nos auxilia na superação das dificuldades de um primeiro contato com o rústico linguajar por ele trabalhado.

Envolvido intelectualmente nessa tentativa de recriação lexical do escritor, em resgatar/registrar vocábulos de um passado da Língua Portuguesa, em muitas passagens o leitor pode ter a impressão de que o próprio Aquilino Ribeiro é quem participa da história, ora como narrador, ou como um dos próprios personagens, dado que pode ser constatado em outras obras (*Terras do demo* (1919), *O romance da raposa* (1924), *Volfrâmio* (1944), *Cinco réis de gente* (1948) *e Quando os lobos uivam* (1957), por exemplo). Segundo o autor:

> (...) a minha obra sou eu próprio. Mas, as personagens a que procurei dar vida não são desdobramentos de mim mesmo. Frequentemente são apenas remates lógicos das personagens que cada um traz em gérmen na maneira de ser e de pensar, mas somente em gérmen. E estes germens desenvolvem-se nos romances, com a amplitude que permite a transposição. (RIBEIRO *apud* FERREIRA, 1984, p. 7).

Essa "transposição" é bem simples de se identificar em seus personagens: seria uma força que os impulsiona, seja nas aventuras firmadas no cenário bucólico, seja na complexidade das cidades. Assim, não seria difícil identificar um *leitmotiv* aquiliniano

que se relacionaria a um resgate do simples, do comum, do corriqueiro; sem dúvida um dos cernes de sua obra.

O que acabamos de mencionar enaltece, e muito, a escrita de Aquilino Ribeiro, que como um tradutor de sua terra natal inicia uma larga produção em língua portuguesa justamente na aurora do século XX, momento de estagnação para o gênero romance, cujo maior modelo a ser emulado ainda era Eça de Queirós. Isso nos remete à ocorrência paulatina de uma descontinuidade do Realismo lusitano, que segundo Saraiva & Lopes (1996) já tangenciava um quase desaparecimento, para logo depois dar vazão a um idealismo manifestado inicialmente na poesia, que apostava suprir as carências do período, todavia sem conseguir de imediato se solidificar.

Afinal de contas, as tentativas do fortalecimento de um Modernismo em Portugal ratificadas pelos simbolistas e seguidores de outras correntes (neogarrettismo, nacionalismo, integralismo, etc.), serviram para preparar o cenário da revista Orpheu que se seguiria, bem como abrir espaço para os "presencistas" que acompanharam Fernando Pessoa. Só que na prosa, o que havia era uma quase estagnação.

Em ferrenha oposição a isso, já se percebe em Aquilino Ribeiro a proposta que se tornaria clara em suas obras, para nós em especial na novela *O Malhadinhas*, publicada originalmente em 1922: imbuído de uma força vital e simplicidade, nota-se o seu esforço de resgate da gesta bárbara e forte de um Portugal que, no alvorecer do Modernismo, já não mais se manifestava tão fortemente; podemos pensar, portanto, que em alguns de seus livros se iniciaria uma tentativa de releitura/retorno da "alma épica lusitana[1]", à sua maneira promovendo uma reflexão sobre o que se escrevia em seu país nos primeiros anos do século XX. Na dedicatória do seu romance *Terras do Demo*, lançado em 1919, destacou:

> Se, ao folhear, estas páginas rescenderam ao tojo e ao burel azeitado quando torna dos pisões, terei satisfeito o meu propósito, descer a arte sobre a bronca, fragrante e sincera Serra, e, em certa medida, activar o desquite entre a nossa língua e essa literatura desnacionalizada, francinote, de que se atulha a praça. Uma renascença literária tem de

[1] No período das grandes navegações, Portugal se lançou ao mar descortinando o mundo. Indiscutivelmente, os lusitanos foram os protagonistas nesse momento ímpar da epopéia. E hoje, a noção épica na literatura tenta se reconfigurar cada vez mais na visceralidade de uma nostalgia revitalizada, mas que, infelizmente, os novos tempos quase sempre menosprezam. Eis porque, repensando a temática deste trabalho, não podemos deixar de mencionar os versos de Ricardo Reis: "Vê de longe a vida. / Nunca a interrogues. / Ela nada pode / Dizer-te. A resposta / Está além dos deuses" (PESSOA, 1977, p. 270).

> volver às origens, aos clássicos e ao povo, e uma pedra – é uma questão apenas de boa vontade – trago-a eu aqui. (RIBEIRO, 1923, p. 6-7).

Seja como for, uma das principais marcas de Aquilino Ribeiro é justamente sua sintaxe para nós quase "anacrônica", mas no fundo reveladora de uma riqueza vocabular sem igual. Destaca-se igualmente o seu fascínio pelo homem campesino, item apropriado aos temas que desenvolveu fazendo uso de regionalismos, arcaísmos, gírias locais das referidas regiões, e etc. Tais elementos, captados ao longo de uma extensa pesquisa linguística que o autor nunca dava por finalizada, revelam um importante estrato social dos rincões de Portugal, com o homem beirão, por exemplo, enquadrando-se às vezes em suas narrativas através de um endurecido contato com a terra e seus dogmas sociais, originados de um arraigado primitivismo.

2. *O Malhadinhas* e um Portugal que precisamos saber que existiu

Rodeando o personagem central da mencionada novela, trafegam secundários elementos que contribuem para o fortalecimento da exegese, e que nos conta sua multifacetada história na qualidade de um homem já velho, que lança um olhar por sobre suas aventuras como almocreve e sob diversos ângulos: cômicos, sentimentais, trágicos, mítico-religiosos, etc.

A citada relação da escrita de Aquilino Ribeiro com a terra, portanto, segue adquirindo uma plenitude de certo modo épica, ao revelar-se num misto de crueza e veracidade facilmente percebida na dramaticidade das cenas descritas; todavia, por vezes, estrutura-se um tom cômico também, demonstrando a desafetação e ingenuidade de um contingente de heróis desconhecidos, habitantes de uma época que não mais existe:

> Danado aquele malhadinhas de Barrelas, homem sobre o meanho, reles de figura, voz tão untuosa e tal ar de sisudez que nem o próprio Demo o julgaria capaz de, por um nonada[2], crivar à naifa o abdômen dum cristão. (...) e Aveiro vai, Aveiro vem, no ofício de almocreve, os

[2] Muitos acreditam que Guimarães Rosa tenha sido o criador desta palavra, que abre com chave do ouro o celebrado romance *Grande sertão: veredas*. Mas, como se vê, tal vocábulo já existia, fazendo parte dos falares das regiões de Portugal pesquisadas por Aquilino Ribeiro. Inclusive, curiosamente, nota-se certo diálogo entre partes dos projetos literários de ambos os escritores, como, por exemplo, no tocante à questão mesma do resgate/registro vocabular de determinados sítios (no caso de Rosa, o sertão de Minas Gerais).

> olhos sempre frios mas sem malícia, apenas as mandíbulas de dogue a atraiçoar o bom-serás, as suas façanhas deixaram eco por toda aquela corda de povos que anos e anos recorreu. Na velhice, o negócio tilintado através de gerações, as andanças de recoveiro, o ver e aturar mundo, tinham-no provido da lábia muito pitoresca, levemente impregnada dum egoísmo pândego e glorioso. Nas tardes de feira, sentado da banda de fora do Guilhermino, ou num dos poiais de pedra, donde já tivessem erguido as belfurinhas, alegre do verdeal, desbocava-se a desfiar a sua crônica perante escrivães da vila e manatas, e eu tinha a impressão de ouvir a gesta bárbara e forte dum Portugal que morreu. (RIBEIRO, 1958, p. 11).

Essa "melancolia feliz" (recordamos aqui Eduardo Lourenço e seu livro *Mitologia da saudade*) é muito bem trabalhada no decorrer da narrativa, em cuja vida do almocreve falador se reconstitui a partir de um tom memorialístico, com episódios por vezes interligados, outras não; o que se vê no personagem é a mescla entre paciência e sofrimento de um ser caminhante e cambiante, cuja "travessia" se constrói no aprendizado extraído de seus bons e maus momentos, combinados a um amor pueril às coisas de seu povo, bem como em exatas questões filosóficas levantadas e relacionadas à existência e destino dos homens.

3. António Malhadas: pícaro ou não?

Por outro lado, também se constata durante a leitura que, justamente no fim de sua vida, Malhadinhas é transportado a um Portugal remoto: entre seu passado e seu presente, uma verdade final se revela por detrás dos detalhes contados (particularidades naturais e valorosas de um todo que já não existe mais).

É a partir dessas noções que se configura o nosso principal questionamento sobre esta novela, dúvida que relativiza um dos preceitos consagrados dessa narrativa: o personagem António Malhadas seria mesmo um pícaro?

Como vimos até agora, tal obra se efetiva a partir de uma narração proferida em tom de oralidade pitoresca pelo personagem António Malhadas – "(...) o mais célebre dos pícaros rústicos modernos" (PALMA-FERREIRA, 1982, p. 135). E ao relacionarmos tal personagem à figura do anti-herói, averiguam-se inúmeros pontos convergentes entre a clássica figura do pícaro medieval e o Malhadinhas de Barrelas, de certo modo associado por Aquilino Ribeiro aos poemas épicos prosificados pelo gênero Novelas de Cavalaria. Num estudo sobre o tema, Ruiz-Domènec afirma:

> La vida errante es uma lucha contra la melancolía. Novelas y biografías muestram cómo lejos de la retórica, la aristocracia europea trató con ese tipo de existencia de poner freno al peligroso influjo de Saturno (...) a través de um proyecto de liberación de lás pasiones, donde se conjugaban aventuras, fiestas galantes, torneos, expediciones de castigo, guerras abiertas, servicio a la corte. El éxito o el fracaso, el triunfo o la muerte, todo daba igual. Lo importante era no caer en un estado de tristeza o de nostalgia. Combate definitivo, dramático, contra el poder del sol negro. (RUIZ-DOMÈNEC, 1993, p. 84).

A imagem de um almocreve por si só já transmite a ideia de subversão dos valores por intermédio das peripécias que, consequentemente, serão por ele praticadas. Basta nos referirmos aos episódios em que Malhadinhas atua como um cavalheiro apaixonado e lírico; ou um raptor, com ares de personagem épico a favor do próprio destino; e também um herói, nas lutas titânicas que empreendeu contra seus inimigos; e nota-se, igualmente, a sátira social, com alguns dos religiosos mencionados sendo galanteadores (além do viés irônico-cômico potencializado em diversas passagens).

Todavia, apesar de todo esse juízo de subversão peculiar associado a António Malhadas, arriscamos assinalar aqui uma observação crítica acerca de alguns aspectos da sua figura, que a nosso ver se distanciariam em determinados caracteres do conceito basilar do pícaro. Explicamos.

Amparado pela afirmação citada de Ruiz-Domènec – que depõe contrariamente à "tristeza" e "nostalgia" em se tratando das narrativas picarescas –, proponho-me aqui, muito brevemente, a defender um caráter antipícaro para o almocreve de Aquilino Ribeiro.

Tal apreciação pode ser logo constatada pelo simples fato de o personagem, paradoxalmente e num modo opulento, regozijar-se no fim da vida, terminando suas aventuras num "triste" arrependimento de seus atos, tentando assim solidificar uma virtude a ele sempre negada; António Malhadas encontra-se tranquilo e "nostálgico" no tempo presente de sua narrativa, na segurança de sua velhice estável, calcada no sucesso social adquirido através de seus anos de andanças:

> Agora, m'amigos, estou caduco, nem para calço de panela tenho préstimo. À espera que me atem os pés, vou tratando do bem-d'alma, pois coisa tão melindrosa como é a vida eterna vale mais cuidá-la por nossas mãos que confiá-la a testamenteiros. Pena é ter eu um rebanho de filhos que me vedem de distribuir por pobres e vagabundos os bens granjeados com o honrado suor de meu rosto; pena é, mas não é lá em casa que se nega esmola para as festas e promessas aos santos. Metade vai-se no papo dos pardalões, quando não é todo... Mas quem pede

> precisa, e a fé é que nos salva. Arde uma fornada de pão! Acabou-se, é sabido mordomos e penitentes na quadra das arcas cheias serem tão bastos pelas portas como as moscas na tenda ali do Penetra. (RIBEIRO, 1958, p. 149).

Sobre a temática, normalmente se estabelecem parâmetros sobre o comportamento social do pícaro, com vistas quase sempre a um rápido enriquecimento, pois sua "(...) tentativa de ascensão social é realizada a partir da exclusão do trabalho como meio válido para se obter esse fim. Não trabalhar é o horizonte imediato do pícaro (...)" (GONZALES, 1988, p. 43).

Daí, portanto, podemos considerar que a aventura existencial de António Malhadas triunfou em decorrência de uma serenidade conquistada ao largo de um "longo e duro caminho", e exposta nas peripécias dos episódios narrados; a lida foi o elemento que mais e melhor o impulsionou em suas andanças, não a preguiça ou a esperteza negativa dos que querem se locupletar com pouquíssimo esforço; sua real história lhe proporcionou uma picardia diferente, que assim podemos até mesmo considerar, caso seja ela filtrada pela devoção de Malhadinhas à sua Beira Alta.

E nessa filosofia de vida se percebe o quão transformador e, por vezes, aniquilador é o avanço dos tempos. O mundo do personagem, em seu tempo presente, está mesmo metamorfoseado, algo que ele veementemente repudia. A certa altura diz: "Ah, velha Barrelas dum sino! Tomara-me eu outra vez com vinte anos e saber o que hoje sei!" (RIBEIRO, 1958, p. 15).

Talvez fosse este o momento mais fragmentado e "triste" do homem, a "nostalgia" sobre a qual lhe recai a ideia da morte. E a escapatória para tal dilema quem sabe seja a tentativa de se intercambiar (mas isso nem sempre se efetiva) as peripécias do passado com o processo de enfrentamento que o ser pode vir a travar consigo mesmo, a ponto de sua existência se definir como autêntica e superior a qualquer idéia de realidade imprópria (distante da que se tinha) oferecida pelo mundo. Mesmo assim, António Malhadas não segue adiante. Cai o pano para o Malhadinhas de Barrelas...

Considerações finais

Entregando-se em definitivo à plenitude de um recosto no caminho que tanto percorreu, desaparece o almocreve não sem antes abrir mão do novo tempo (na realidade, o ignorou) do mesmo modo como abraçou, nesta sua "épica", não o efeito de

uma causa exclusiva e genérica divulgada pela modernidade, mas uma gesta real e translúcida, refletindo a artesanal configuração de um Portugal que ainda vive nas histórias de Aquilino Ribeiro.

Pelo trabalho aqui realizado, evidenciou-se a existência de múltiplas e atualíssimas possibilidades de leitura para as histórias de Aquilino Ribeiro, que se interrelacionam a repaginar o gênero épico e a noção do picaresco, outorgando-lhe novos ares que, por intermédio da força da língua portuguesa resgatada/registrada pelo autor, não se deixa facilmente esfacelar. Por fim procuramos, na medida do possível, demonstrar a imbricação das temáticas elencadas com uma espécie de sublimação existencial percebida no personagem António Malhadas, evidenciada, por exemplo, no quanto ele se deixou "perder" em meio às próprias peripécias, caminhando ininterruptamente ao desígnio de uma crucial revelação.

Referências

ALBUQUERQUE, Maria do Carmo. *Uma leitura – uma reflexão sobre o livro "O Malhadinhas"*. Porto: Porto Editora, 1995.

FERNANDES, António Augusto. "O Malhadinhas" – história de um velho almocreve de Barrelas. *In: Cadernos Aquilinianos 3*. Lisboa: Centro de estudos Aquilino Ribeiro, 1995, p. 59 a 87.

FERREIRA, Fernando Hilário; MACEDO, Júlio Oliveira. *Introdução ao estudo de O Malhadinhas*. 1ª ed. Porto: Edições Asa, 1984.

FERREIRA, Vergílio. *Espaço do invisível.* 1º vol. 1ª ed. Lisboa: Ed. Arcádia, 1965.

_____. *Espaço do invisível*. 3º vol. 1ª ed. Lisboa: Ed. Arcádia, 1977.

GONZÁLEZ, Mário. *O romance picaresco*. Série Princípios. São Paulo: Ed. Ática, 1988.

HÖLDERLIN, Friedrich. *Reflexões*. São Paulo: Relume Dumará, s/d.

LOURENÇO, Eduardo. *Mitologia da saudade, seguida de Portugal como destino*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1999.

MARGARIDO, Alfredo. A aldeia, centro vital da visão do mundo de Aquilino Ribeiro. *In: Colóquio Letras: Homenagem a Aquilino Ribeiro.* Nº 85. Lisboa, maio de 1985, p. 32 a 41.

NEMÉSIO, Vitorino. *Portugal, a terra e o homem: antologia de textos de escritores dos séculos XIX – XX*. Edição da Fundação Calouste Gulbenkian. Viseu: Editora Arcádia, 1978.

PALMA-FERREIRA, João. *Do pícaro na Literatura Portuguesa*. Biblioteca Breve. Volume 59. 1ª ed. Amadora – Portugal: Livraria Bertrand, 1981.

PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguilar, 1977.

RIBEIRO, Aquilino. *O Malhadinhas e Mina de Diamantes*. Lisboa: Livraria Bertrand, 1958.

_____. *Terras do Demo*. 3ª ed. Lisboa: Ed. Livraria Bertrand, 1923.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. 20ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 2001.

RUIZ-DOMÈNEC, José Enrique. *La novela y el espíritu de la caballería*. Barcelona: Grijalbo Mondadori, S.A., 1993.

SARAIVA, António José; LOPES, Oscar. *História da Literatura Portuguesa*. Porto: Porto Editora Lda., 1996.